



Edgardo Costa Madeira

País por empréstimos

Como é bem sabido, se bem que menos assumido, os méritos práticos da Revolução Francesa resultaram numa série de desaires e reequilíbrios que se estendem desde a abertura à expansão territorial dos EUA, a unificação territorial e hegemonia militar que na Europa resultaria nas duas guerras mundiais, por conseguinte, no estabelecimento e predominância económica e militar dos Estados Unidos da América e, por desenvolvimento dos mesmos ideais de liberalismo, descontrolado em virtude da pura ganância, conduzindo até ao estabelecimento da paciente China - cada vez mais actuante na sua presença minimamente agindo. Nova potência hegemónica do seu sono milenar despertando. A conclusão, porém, dos efeitos da dita Revolução Francesa no mundo, já como que se antevê: o mais que provável condicionamento de todos os liberalismos, assim como de certas liberdades pessoais (tal já se verifica) e, possivelmente, encerrando-se um ciclo de erros insuflados pelas prepotências, ousadias e excessos do Iluminismo. Ou a substituição de uma tirania por outra, pior, após um período intermédio de contentamento.

No caso português; as invasões francesas, a consequente diminuição nacional face à antiga aliada e a perda do Brasil lançaram o país numa espiral de dependência e atraso que só na II república veio sendo travado, com o célebre reequilíbrio das contas públicas e solidificação da moeda nacional a peso de ouro. O País, lenta mas consolidadamente se desenvolvia, e, após cerca de quarenta anos, almejando atingir o patamar médio europeu para os índices de desenvolvimento no espaço de algumas mais décadas. Exepto, talvez, no tocante a alguns ideais da Revolução Francesa. Tal conservadorismo foi incomportável. A descontrada e festiva revolução que se seguiu deu um choque na proverbial paciência e tudo se precipitou; foram-se as reservas territoriais, foram-se as reservas de ouro, foram-se as reservas de moral, reestabeleceu-se a Maçonaria em Portugal, reestabeleceu-se o nepotismo, o padrinhismo, a amiguismo, o clientelismo e a corrupção. Os ventos da liberdade não pararam de insuflar, desde o voto livre, o aborto livre, o casamento livre e até à eutanásica morte livre. Precipitaram-se as perspectivas e o país não só deixava de ser livre da dependência de empréstimos como, num curto espaço, chegou à beira da bancarrota por duas vezes - num curto e sonhador espaço socialista de tempo - e o Endividamento nacional voltou a ser capital. Mas o país conseguiu entrar no então chamado de comboio de um anterior projecto de união europeia. Destruímos o que

de maior a nossa Economia tinha, por supostamente ser anacrónica e não aprovada pelos grandes da Europa. Logramos substituir a antiquada economia anterior, onde, em diversos sectores éramos gigantes, por uma muito, digamos, melhor... Hoje o país depende em grande parte dos humores do turismo e dos auxílios comunitários. Igualmente o ideal de soberania sobre a Dívida desvaneceu-se e podemos afirmar que o país hoje vive em função da sua colossal dívida, que é a nossa verdadeira soberana, cujo mérito pequenino nosso é merecê-la na sua dimensão descomunal e conseguir geri-la. Que a Dívida não é para pagar mas para gerir - já afirmava o grande mago das finanças do século XXI português, o primeiro-ministro José Sócrates Sousa.

Hoje, o país regista níveis de crescimento que, caso se mantenham, colocarão Portugal ao nível médio europeu numa questão de cem anos (mais década perdida, menos década perdida). Todos os mais recentes aderentes à união europeia nos ultrapassam serenamente e o país que é, por assim dizer, nosso, exulta pleno de ilusórios sucessos e todos os sucessivos e sempre repetitivos governos desta república que nos governam, sem verdadeira renovação, coniventes, evasivos, diariamente nos preenchem das boas notícias da sua governação. Desde o esquecimento da progressão de inúmeras carreiras, desde o escalar do custo de vida, da subida de juros... Ao salário mínimo nacional, escândalo internacional, finalmente se começou faseadamente a acudir. Aos salários máximos e raros e, muitos, de duvidosa ética, ninguém acode. Mais não é possível. Só se com crescimento real, que o onírico não paga. A classe que fica pelo meio, dita média, progressivamente se unifica fraternalmente à mais baixa - e licenciados e mestreados cada vez mais vivem o mundo, antes tido por utópico, em que todos são iguais. Décadas de imbecilização democrática dão flores e folhas, dão a chamada erva que a juventude inala, ou a palha que se consome em geral. Os mais recentes estudos confirmam que pouco mais de metade dos jovens portugueses afirmam uma crença religiosa - pelo que o triunfo dos antigos ideais de república ao gosto francês ufanam-se abundantemente. As verdadeiras causas do problema, por mais gritantes, jamais são reconhecidas. E que ganhamos, verdadeiramente, com isto? Por estes dias, na maternal fraticida França, a fraternidade entre agentes policiais e arruaceiros em geral vai sendo construída - com as dores inerentes do parto, claro está. Demo-nos e confiemo-nos, a contento, a este estado de coisa púdica. Por Portugal, continuamos ruinosamente remediados.

Ponta Delgada oficializa parceria cultural e educacional com Araquari

A Câmara Municipal de Ponta Delgada recebeu uma comitiva do Município de Araquari (Brasil).

O secretário da Educação do município de Araquari, Francisco Garcia, acompanhado pela chefe de gabinete, Pâmela Vieira, o coordenador-geral de ensino, Aldair Carvalho, e os coordenadores de ensino, Elisângela Pereira, Anderson Silva, Claudinei Sevegnani e Marilúcia Borth, dirigiram-se aos Paços do Concelho para propor uma "parceria cultural e educacional" com Ponta Delgada.

Na ocasião, os representantes do referido município brasileiro explicaram que "a cultura está muito além das manifestações folclóricas, ela é a nossa história. Por isso, estamos a desenvolver um projecto, que pretende preservar a memória da açorianidade".

"Com esta nossa viagem de trabalho, não pretendemos angariar apoios financeiros,

mas sim garantir parcerias e sinergias com diversas entidades ligadas à Educação. Queremos olhar os Açores pela sua própria óptica e criar, assim, uma aproximação identitária e educacional, que irá culminar no 'Festa da Cultura Açoriana - Açor', que se realiza este ano de 17 a 19 de Novembro", acrescentaram os responsáveis.

Já o vereador da Câmara Municipal de Ponta Delgada, Sérgio Rezendes, em representação do Presidente do município, Pedro Nascimento Cabral, deu as boas vindas à comitiva e afirmou que "Ponta Delgada está disponível para receber, ajudar e participar em projectos como este, que asseguram do ponto de vista cultural, a partilha e o debate sobre a nossa herança e visam a contribuir para a Educação. Ao mesmo tempo, com esta parceria estabelece-se uma ligação entre as escolas de Araquari e as de Ponta Delgada e assegura-se o apoio didáctico, científico e pedagógico na abordagem às



diferentes dimensões da identidade açoriana".

Sérgio Rezendes, enquanto vereador da Cultura, rematou esta ideia com uma pequena dissertação sobre o enquadramento histórico de Santa Catarina, o Tratado de Tordesilhas, as semelhanças culturais e até arquitectónicas entre os dois municípios e ainda elogiou o projecto de Araquari que

"procura a identidade açoriana nas suas diversas nuances".

Recorde-se que o município de Araquari foi colonizado, maioritariamente, por imigrantes açorianos, que chegaram ao litoral do Estado de Santa Catarina entre os anos 1748 a 1756 e por isso a cultura açoriana, ainda nos dias de hoje, tem grande ênfase naquela região.